

SABERES DA EXPERIÊNCIA DE UM ESTUDANTE EM TRANSIÇÃO DE GÊNERO NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA NARRAÇÃO AUTOBIOGRÁFICA¹

Thomas Noah Tysaj da C. Silva²
Silvan Menezes dos Santos³

RESUMO

Atendendo a necessidade que a Educação Física (EF) tem em incorporar e acolher as diversidades corporais e de gênero na formação inicial de professores, o objetivo deste estudo foi compreender as experiências vividas e os saberes produzidos por um estudante em transição de gênero no curso de formação em EF da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Ele foi desenvolvido em formato autobiográfico e se fez extremamente necessário para trazer a narrativa da minha vivência como homem Trans durante os sete anos dentro do curso de graduação em EF Licenciatura, de modo a produzir uma reflexão profunda sobre as violências e exclusões que sofri nos espaços educacionais e dentro do Instituto de Educação Física e Esporte (IEFE) da Ufal. Organizei as discussões daquilo que entendi como achados deste estudo nos seguintes tópicos: 1) Formação docente em Educação Física e Transgeneridade; em que problematizo o fato da não predominância, no curso de EF, da formação política dos professores, o que impacta diretamente nas relações sociais e culturais. 2) Transição de gênero e sociedade; no qual trago os aspectos da transição para além de mim, incluindo também as pessoas ao meu redor nesse processo de transição, e afirmo a importância da escuta ativa das histórias de vidas de pessoas Trans como fontes de informações e saberes. 3) Acessibilidade Sistêmica e Estrutural; tópico em que destaco a importância da construção de aulas e espaços seguros e acolhedores que permitam a inclusão efetiva de pessoas Trans dentro do curso de EF. 4) Identidade a partir da diáspora; temática na qual ressalto os saberes e a formação da minha identidade a partir das narrativas e vivências que tive durante minha graduação em EF. Compreendi como fundamental manifestar proposições em prol de imediatas revoluções sociais, educacionais e políticas como forma de tornar o mundo um lugar de direito de todas/os.

Palavras-chave: Trans, formação, política, educação física.

¹ Este artigo é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do primeiro autor que leva o mesmo título.

² Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, thomas.silva@iefe.ufal.br;

³ Doutor em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná - UFPR, Docente adjunto da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, silvan.santos@iefe.ufal.br.

INTRODUÇÃO

Parto de um local de marginalização e poucas oportunidades enquanto homem Transgênero em consonância com minha trajetória política e pessoal. Trago aqui o relato da minha jornada no curso de licenciatura em Educação Física (EF) e no Instituto de Educação Física e Esporte (IEFE) da Universidade Federal de Alagoas (Ufal).

É preciso voltar as atenções para questões como a educação e a cidadania de pessoas Trans com celeridade. Será cada vez mais recorrente a chegada de diversas manifestações sociais dentro dos cursos superiores e universidades (Pryor, 2015), não sendo diferente no nosso curso e no nosso Instituto.

Quando trago aqui a discussão política acerca das mais variadas questões sociais, ratifico também a perspectiva de superação das desigualdades que encontramos no nosso sistema⁴. Trazer o debate político para o curso de EF é possibilitar a consciência da luta de classes e dar instrumentos de luta para o povo que tanto sofre com o preconceito, o racismo, a marginalidade e o não acesso a serviços e espaços que os pertence.

Ao analisar indicadores quantitativos de acesso à educação e trabalho por pessoas Trans, fica nítido que a implementação de políticas de ações afirmativas na educação para as Transgeneridades é uma ferramenta importante de reparação dessa operacionalidade, pois a ascensão socioeconômica através da formação superior é um ganho fundamental para essa população. A maior parte desta população brasileira encontra-se no desemprego ou informalidade, podendo estar inclusive em situação de rua (Todxs, 2020). De acordo com a Agência Nacional de Travestis e Transsexuais (ANTRA), em 2022 cerca de 72% das pessoas Trans não concluíram o ensino médio e apenas 0,02% estavam no ensino superior.

Este estudo se justifica, portanto, pelos aspectos supracitados no que tange a vivência de pessoas Trans dentro das universidades e na sociedade como um todo, as diversas formas de apagamento de suas identidades por um sistema cisnormativo e os diferentes modos de agressões sofridas pela população Trans nos espaços acadêmicos e esportivos. Com este trabalho proponho reflexões críticas acerca da recepção e permanência de discentes Transgêneros nas universidades a partir da minha experiência dentro do curso de Licenciatura em EF. Portanto, me detenho a investigar o seguinte problema de pesquisa: Como o IEFE/UFAL contribui para a recepção e permanência de um estudante em Transição de gênero?

⁴ De acordo com Vergueiro (2015, p.225) “Cistema: uma corruptela de ‘sistema’, com a intenção de denunciar a existência de cissexismo e transfobia no sistema social e institucional dominante”.



O objetivo geral desta pesquisa, por conseguinte, foi: Compreender as experiências vividas e os saberes produzidos por um estudante em transição de gênero em um curso de formação de professores em EF da UFAL. Neste olhar profundo para o que vivi, acompanhei a ideia de Bondía (2002, p. 25), de que “[...] é incapaz de experiência aquele que se põe, opõe, impõe, ou se propõe, mas não se expõe”.

METODOLOGIA

O método utilizado para esta pesquisa é do tipo autobiográfico, descritivo e de abordagem qualitativa. Santos, Estevam e Martins (2018, p. 47) trazem que “a pesquisa (auto)biográfica pode ser entendida como estratégia de investigação qualitativa, a partir das narrativas das histórias de vida dos grupos humanos, sua leitura de mundo, seus sentimentos, percepções e interações com o contexto social em que estão situados”. Apesar da utilização deste método como estratégia de investigação ser tida como subjetiva, segundo Santos e Garms (2014, p. 4099) as narrativas autobiográficas implicam em uma “[...] forte participação do indivíduo que, por sua vez, se compromete com o processo de reflexão, orientado pelo seu interesse, e que o leva a definir e a compreender seu processo de formação.”

Inspirado nos estudos de Santos, Santos e Dias (2022) e Santana (2017), o tipo de pesquisa autobiográfico se fez pertinente para tratar do tema deste estudo levando em consideração as possibilidades de reflexões acerca de acontecimentos que impactaram diretamente minha jornada. Assim, tornou-se possível analisá-los de forma crítica, considerando os sete anos que passei entre o início da minha graduação em 2017 e o encerramento dela em 2024.

Por fim, a partir da narrativa autobiográfica e do destaque a alguns momentos da experiência vivida, organizei as discussões daquilo que entendi como achados deste estudo nos seguintes tópicos que serão apresentados posteriormente: 1) Formação docente em Educação Física e Transgeneridade; 2) Transição de gênero e sociedade; 3) Acessibilidade Sistêmica e Estrutural; 4) Identidade a partir da diáspora.

NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

Minha transição de gênero não se deu no início de ingresso ao curso, mas já nessa fase eu sentia uma necessidade extrema de me envolver em movimentos organizados de lutas, que trouxesse pautas e debates acerca da educação, do coletivo, da formação social e cultural etc.



Foi durante os dois anos iniciais da pandemia em que estivemos isolados e em luto pelas diversas vidas perdidas por um desgoverno federal, que eu vivenciei sozinho o questionamento e a aceitação de ser um homem Transgênero. O preconceito, o medo, a insegurança foram sentimentos diários e perturbadores para mim.

Quando retornei ao IEFE como um homem, um dos primeiros impactos que sofri foi com relação ao sistema da universidade, o qual demorou até que todos os sites tivessem meu nome social e, logo depois da retificação, o nome e gênero atualizados. Precisei entrar em contato com o Núcleo de Tecnologia e Informação (NTI) inúmeras vezes relatando a problemática que nunca era resolvida de imediato. Por algum tempo tive que continuar utilizando o e-mail institucional com o nome antigo, que ainda não havia sido atualizado, além do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (Sigaa), o último a atualizar as informações necessárias. Além disso, levou um tempo dentro da sala de aula até os professores se referirem a mim pelo pronome masculino ou nome correto, geralmente trazendo à tona o nome morto. Situações como essas acabam sendo desconfortáveis e constrangedoras, uma vez que outras pessoas ficam sem entender a situação ou até mesmo julgando a “masculinidade” de forma equivocada.

Recordo-me de algumas situações que vivenciei dentro do IEFE durante minha transição. Certo dia eu estava em uma aula e senti muita vontade de ir ao banheiro. Depois de pensar em ir ou não ir tomei coragem e fui ao banheiro masculino. Lembro de como me senti acuado com o olhar dos colegas que estavam lá, olhando como se fosse uma aberração, ou como um questionamento de porque eu estava no banheiro “errado”. Senti como se estivesse sendo de certa forma agredido, pois o olhar das pessoas e o julgamento delas também nos dói. Neste dia a aula tratava sobre ansiedade e depressão.

Num outro momento, também estava assistindo aula de uma outra disciplina e precisei ir ao banheiro, dessa vez já estava nervoso só em pensar de entrar e me deparar novamente com aqueles olhares, então eu pensei e optei por ir desta vez ao feminino, sabendo que aquele não era o meu espaço e eu não deveria me colocar naquela situação. Mesmo assim, decidi ir pensando no que havia acontecido no banheiro masculino. Ao chegar lá tinha apenas uma garota e parece que a sensação foi ainda pior. Ela parecia me olhar com um certo medo, além da repulsa por eu ser um homem Transgênero que ainda estava nessa fase de adaptação. Isso tudo aconteceu muito rápido, apenas um olhar e parece que aqueles 30 segundos ficaram em câmera lenta e se tornaram 3 horas.

Por muito tempo, após essas experiências, eu não fui mais ao banheiro do IEFE, pensava que de alguma forma não estava seguro. Depois disso, reprovei por falta todos os semestres



subsequentes porque não queria passar por situações parecidas lá ou em qualquer outro curso que pudesse pagar disciplinas remanescentes. Então me matriculava para manter o vínculo e não comparecia às aulas, isso com certeza me trouxe e trará consequências negativas à minha formação e ao meu currículo.

Nessa minha fase pelo IEFE eu já estava com poucas disciplinas matriculadas, mas me recordo de algumas vezes ser chamado pelo nome morto durante as aulas quando o professor queria se referir a mim para trazer um exemplo ou algo do tipo. Naquelas situações eu sempre corrigia e pensava “a transição não está acontecendo só comigo” e, de fato, todo/as precisam de um tempo para se adaptarem. A questão é o acolhimento, é a forma como se fala e se reage a uma determinada situação. Nesse caso, de ser chamado pelo pronome feminino por um professor eu me senti mal, constrangido e corriji, mas nesse caso específico eu percebi que era apenas ele passando também por um processo de (re)adaptação, foi mais o hábito a que estava inserido. Tanto que depois não se repetiu.

Na reta final do curso de licenciatura em Educação Física, com meus colegas de turma formados e fora do IEFE, eu volto ao instituto para concluir minhas atividades discentes como a exemplo deste trabalho de conclusão de curso, de certa forma “atrasado”. Concluí toda minha grade curricular dentro do padrão, mas minhas necessidades políticas, de militância e de ação dentro do Movimento Estudantil me fizeram em alguns momentos não priorizar esse fechamento de ciclo. Por isso, quando entro no IEFE atualmente, com alunos novos, com professores que me olham e não me reconhecem mais, com apenas uma ou outra pessoa que lá dentro me cumprimenta de forma saudosa, me sinto um completo estranho. Sinto como se nunca tivesse feito parte daquele lugar, ou como se ele nunca tivesse feito parte da minha vida. Somos estranhos um para o outro, para o ambiente físico, para o curso, para as pessoas etc.

REFLEXÕES E SABERES DA EXPERIÊNCIA

Neste capítulo apresento aquilo que considerei como achados desta pesquisa. Organizados em forma de reflexões e saberes, são atravessamentos resultantes da experiência (Bondía, 2002) sentida, vivida, tocada e doída ao longo dos sete anos dentro do IEFE/UFAL. Eles estão dispostos, conforme anunciado anteriormente, em quatro tópicos de reflexões. São eles: 1) Formação Docente em Educação Física e Transgeneridade; 2) Transição de gênero e sociedade; 3) Acessibilidade sistêmica e estrutural; e 4) Identidade a partir da diáspora.



1. Formação Docente em Educação Física e Transgeneridade

O sistema político que vivenciamos nos dias de hoje contribui consideravelmente para os problemas aqui supracitados. Quando tratamos do tema formação de professores não é diferente. Ela é um processo que na maioria das vezes se entende na preparação do indivíduo para o trabalho, ligado a um sistema de exigências e necessidades de resolução de problemas que ele pode demandar. Mesmo com tantas entidades educacionais, sindicais, estudantis e partidos políticos que lutam em defesa da educação pública emancipatória com um sonho de construir um projeto educacional com uma qualidade pedagógica social para o bem comum, ainda não alcançamos o modelo ideal. Ao contrário desses sonhos, na vida real a educação é um produto do sistema capitalista submisso e dependente do financiamento de outros países, chamados desenvolvidos. Com essa base e uma política neoliberal torna-se ainda mais exponencial o impacto na educação e formação de professores.

A educação física configura-se como um lugar onde sistematiza, acumula, reflete, reorganiza e transforma saberes junto e/ou decorrentes da cultura corporal referenciando, como núcleo epistêmico, o conhecimento do corpo em suas várias dimensões e inter-relações com a ciência, a cultura e a sociedade (David, 2002, p. 127).

Contudo, é fato a não predominância, no curso de Educação Física, a formação política dos professores, o que impacta diretamente nas relações sociais e culturais, tornando ainda mais fraco o debate e o saber lidar com questões de gênero e pessoas Trans. Devede (2020, p. 95) traz que:

[...] quando valores conservadores buscam interditar a abordagem do Gênero nas diferentes esferas, incluindo a Educação, atendendo aos interesses de apenas uma parcela da sociedade; a instituição escolar precisa resistir e lutar pela construção de valores emancipadores.

Fechar os olhos para tal afirmação seria um desserviço com a EF e toda população LGBT+, com recorte especial ao segmento T (Transgênero e travestis) e sua educação. O autor continua a reflexão:

[...] o potencial da EF escolar para o ensino numa ótica que problematize as relações de gênero, desconstrua binarismos e combata preconceitos. A EF escolar lida com corpos em movimento e com o ensino de conteúdos socialmente generificados, ou seja, tratados como masculinos ou femininos, gerando práticas de resistência, exclusão e violência pelos/as discentes (Devede, 2020, p. 96).



A partir das reflexões dos autores citados acima, cabe a nós pensar sobre a formação em Licenciatura em EF e a intervenção pedagógica nas escolas, colaborando para o combate à violência e discriminação por homofobia e transfobia.

Nesse quesito da relevância de uma atuação em Educação Física escolar sensível, atenta e engajada às questões de gênero, de modo geral, e no que é o foco deste trabalho, nas questões da Transgeneridade, ressalto a necessidade de um curso de formação docente e de uma unidade acadêmica de formação em Educação Física, tal qual o IEFE e a sua licenciatura, adequados politicamente a este tempo e realidade do fenômeno aqui estudado. Por exemplo, como citado anteriormente na narrativa, é problemático viver e ser professor em formação inicial em um contexto estrutural pouco ou nada acessível para um estudante em transição de gênero. Como visto, é um obstáculo social, político e pedagógico se formar docente em EF em um sistema cisnormativo, onde as relações professor-aluno são sistematicamente binárias, excludentes e conservadoras de um modo de ser e estar no mundo.

Em julho de 2015 foi aprovada a Resolução CNE/CP no 02/2015 que trazia a obrigatoriedade de tratar questões de gênero e outros temas nos cursos de licenciatura. Entretanto, quatro anos depois, em dezembro de 2019 a CNE/CP no 02/2019 foi aprovada trazendo não mais essa obrigatoriedade. A questão é, uma lei não necessariamente garante que o tema seja trazido à tona pelos professores, porém garante mais igualdade e segurança. Por outro lado, os/as professoras não dependem de determinada resolução para trazer questões de gênero na formação inicial em EF. Nesse sentido, vejo como papel fundamental do docente a formação mínima e preparação para tratar não apenas os conteúdos dentro de suas temáticas em sala de aula, mas para que saibam agir e tratar com a diversidade dos corpos Trans dentro do curso de graduação em EF.

2. Transição de Gênero e Sociedade

Quando iniciei minha transição de gênero entendi que não só eu, mas todos/as ao meu redor também entraram em transição. Isso inclui minha família, amigos e professores. Ao compreender esse movimento conjunto de transição foi necessário que eu percebesse o limite entre o processo de cada pessoa e a transfobia. É uma linha tênue, devo dizer. É importante frisar que a construção da identidade de gênero não ocorre de maneira rápida e simples, entendendo que esse processo requer tempo e que ocorre de maneira ininterrupta. Medeiros et al., (2023) falam sobre as problemáticas e discussões dos aspectos sociais e culturais envolvidos



no processo de transição de gênero. As dificuldades de acesso à educação, relações familiares e lutas sociais.

[...] a discriminação e preconceito que as pessoas Trans sofrem são causadores de grandes dificuldades na vida desses indivíduos, em todos os espaços de convivência, e não seria diferente nos espaços de educação, sendo, inclusive, incomum a cena de um Trans que concluiu o ensino superior (Medeiros et al., 2023, p. 147).

A transição individual e coletiva, por outro lado, mostra também a importância das histórias de vidas de pessoas Trans como fontes de informações, conhecimentos e saberes. Como um homem transgênero, uso esse espaço para ser ouvido e dar voz. Entender que os corpos Trans necessitam ser acolhidos/as e não marginalizados/as no espaço em que pretendem dar início às suas carreiras profissionais pode ajudar a tornar esse processo mais prazeroso e decente. Falar sobre o que senti durante minha jornada no curso e dentro da Universidade nem sempre é fácil, em parte isso ocorre também, porque ao passo que narro minha trajetória, sinto como se cada leitor me lesse nu quando falo sobre o processo de transição para o nome social, transição hormonal e todas as vezes que fui discriminado e/ou tive minha masculinidade questionada.

O processo de escuta ativa aos alunos Trans dentro do curso deve ser colocado em prática, evitando alguns desconfortos para os estudantes e até mesmo para os professores. Algumas ações pequenas podem ser significativas na vida de um estudante transgênero. Em um estudo realizado na Universidade Estadual de São Paulo, Viana et al. (2022, p. 6) apresenta que “O uso do nome social foi apontado pelos estudantes como uma possibilidade de reconhecimento da sua identidade de gênero e exercício da cidadania.” Além disso, trazer à tona a discussão pode facilitar a empatia e evitar ações preconceituosas por parte dos colegas de turma cisgêneros.

Outra forma de evitar constrangimentos é contornar o sistema de chamadas, permitindo que os alunos se identifiquem com seus nomes e pronomes tornando uma prática mais inclusiva (Pryor, 2015). Evitar o formato convencional de frequências pode evitar o constrangimento e contribuir para a permanência de discentes transgêneros dentro do curso.

3. Acessibilidade Sistêmica e Estrutural

Quando se fala sobre acessibilidade e inclusão muitas pessoas associam diretamente a pessoas com deficiência (PCD). Contudo, de acordo com Sasaki (2009) inclusão é o processo



pelo qual os sistemas sociais comuns são tornados adequados para toda a diversidade humana - composta por etnia, raça, língua, nacionalidade, gênero, orientação sexual, deficiência e outros atributos - com a participação das próprias pessoas na formulação e execução dessas adequações.

Sasaki (2009) ressalta também que acessibilidade arquitetônica se refere ao acesso fácil e livre aos espaços físicos de locais públicos ou privados, sejam eles de trabalho, lazer ou educação, bem como a realização de adaptações que proporcionem condições de utilização desses ambientes por todas as pessoas.

Sendo o banheiro território de segregação entre os sexos masculino (homem heterossexual) e feminino (mulher heterossexual), tal arranjo na atualidade entra em crise na medida em que outras formas de homens e mulheres são excluídas. [...] Proibir alguém de usar um banheiro em função de sua sexualidade é algo absurdo, pois o que está em jogo não é uma afirmação sexual, mas uma necessidade do corpo vital que quando não consumada pode causar problemas de saúde grave (Andrade, 2015, p. 160-163).

Eu não me senti confortável no banheiro do IEFE. Eu não me senti incluso nas aulas após iniciar minha Transição. Eu não me senti pertencente ao curso de EF. Isso aconteceu porque as pessoas ao meu redor não sabiam lidar com a diversidade de um corpo Trans naquele espaço. Alves e Moreira (2015) mostram a realidade de imposição constante de meninas e mulheres travestis para exercer o direito de utilizar o banheiro conforme sua identidade de gênero no ambiente escolar.

Construir um espaço seguro, acolhedor e permitir a inclusão das pessoas Transvestigêneres dentro do IEFE é algo que precisa ser feito em conjunto, dialogando principalmente com e para quem mais interessa as mudanças. Além da arquitetura, Sasaki (2009, p. 06) defende que a acessibilidade passa pela dimensão atitudinal no campo da educação, por meio da “realização de atividades de sensibilização e conscientização”. Portanto, as reflexões e saberes acerca desta acessibilidade a qual me refiro tratam-se, sobretudo, de uma ampliação, sensibilização e conscientização para a inclusão, participação, acolhimento e efetivo exercício da cidadania, neste caso em tela, de pessoas Trans.

4. Identidade a partir da Diáspora

Falar de identidade a partir da diáspora não é uma tarefa fácil. Vi-me completamente submerso nesse tema que tive dificuldade em colocar em palavras. Partamos então da concepção de diáspora por Hall (2003), a qual implica na dispersão de pessoas motivada por



problemas identitários, políticos, econômicos e naturais dos locais de origem. Os caminhos que percorri dentro do curso de EF e no IEFÉ foram modificados após o início da transição de gênero. Não à toa levei sete anos para concluir um curso de quatro anos. Compreendo a diáspora como um conceito que pode ser expressivo, amplo e inclusivo, sendo aberto aos diferentes tempos e às diversidades de corpo e cultura, podendo moldar e ser moldada de acordo com as relações.

Sob a ideia-chave da diáspora nós poderemos então ver não a raça, e sim formas geopolíticas e geoculturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem (Gilroy, 2001, p. 25).

Conforme a narração por mim dada às situações que vivenciei dentro do IEFÉ, tracei um caminho completamente diferente ao passo em que fui vivenciando situações de exclusão e transfobia. Construí então minha identidade a partir desta diáspora de espaços físicos e de relações sociais. Construí e me formei como futuro professor de Educação Física, como ser social e ser político dentro de uma sociedade cisnormativa arraigada de estereótipos. Ao discutirem a diáspora para o gênero, Meneses e Ennes (2023, p. 81) trazem a ideia de “diáspora Trans”:

[...] interpretando o masculino e o feminino como territórios fluidos e passíveis de trânsito em um processo de interdependência com a migração da terra natal para outros lugares. [...] refere-se a um movimento identitário e espaço-temporal.

Os saberes advindos a partir das reflexões sobre minha mudança de trabalho de conclusão de curso, minha aproximação do M.E, minha necessidade política de estudo e discussões sociais e a escrita deste trabalho, formaram não apenas uma nova identidade, a que possuo hoje. Essas dispersões e mudanças me fizeram compreender o papel importante de cada indivíduo em sociedade e como não só suas escolhas e caminhos, mas também as ações externas a ele podem interferir na sua linha de chegada. O conceito de diáspora aqui colocado pode nos gerar crises e dores, mas também pode gerar empatia e solidariedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do objetivo geral traçado para este trabalho, inicialmente considero o formato metodológico adotado como de suma importância para a área e para a temática abordada. A autobiografia nos propõe buscar estratégias para nos apropriarmos dos debates de gênero e das

diversas formas de ser e estar no mundo. Nesse sentido, como forma de ampliar o espectro teórico-metodológico deste estudo e preencher outras lacunas trazendo o debate não apenas sobre as desigualdades de gênero, sugiro aproximar essa abordagem das discussões de classe, raça, orientação sexual etc. de forma que seja possível construir caminhos e práticas pedagógicas que possibilitem a inclusão de todas as pessoas.

Finalmente, como caráter conclusivo (ou não) deste trabalho, entendi por necessário produzir mais do que sinalizações, reflexões ou considerações acerca da minha experiência universitária e de formação docente. Produzi um manifesto propositivo que sintetizo assim: Sejam jovens, adultos ou crianças. Nas ruas, em suas casas, nas escolas e universidades e trabalhos. Sejam em corpos negros ou brancos, seja de religião cristã ou povos de terreiro, a Transgeneridade está presente. Somos milhões de pessoas que vivem e resistem porque almejam num futuro a felicidade, o direito legal de existir como somos sem que sejamos feridos. Mesmo numa sociedade cisnormativa, capitalista que apenas nos oferece a exploração e desigualdade, ainda assim, não seremos calados.

REFERÊNCIAS

ALVES, C. E. R.; MOREIRA, M. I. C. Do uso do nome social ao uso do banheiro: (Trans) subjetividades em escolas brasileiras. **Quaderns de Psicologia**, v. 17, n. 3, p. 59, 2015.

ANDRADE, L. N. Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa. **Programa de Pós Graduação em Educação**. Fortaleza, 2015.

ANTRA. Nota da Antra sobre cotas e reservas de vagas em universidades destinadas às pessoas Trans, **ANTRA** 2022. Disponível em: <https://antrabrasil.org/2020/12/17/nota-antra-cotas-universidades-pessoas-Trans/>. Acesso em: 12/12/2024.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], n. 19, p. 20-28, abr. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782002000100003>

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. **Resolução CNE/CP No2/2015**. Brasília: MEC, jul, 2015.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. **Resolução CNE/CP No2/2019**. Brasília: MEC, dez, 2019.

DAVID, Nivaldo. A Formação de Professores para a Educação Básica: dilemas atuais para a educação física. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 119-133, jan. 2002.



DEVIDE, Fabiano Pries. Estudos de gênero na Educação Física brasileira: entre ameaças e avanços, na direção de uma pedagogia queer. In: WENETZ, Ileana; ATHAYDE, Pedro Fernando Avalone; LARA, Larissa. **Gênero e sexualidade no esporte e na educação física**. Natal, RN : EDUFRN, 2020, p. 91-106.

GILROY, Paul. O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência. Tradução: Cid Knipel Moreira. São Paulo: **Ed. 34**, 2001.

HALL, Stuart. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Tradução: Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: **Ed. UFMG**, 2003.

MEDEIROS, Bianka Andressa de Oliveira et al. Aspectos sociais e culturais envolvidos no processo de Transição identitária da população Trans. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, [s. l], v. 9, n. 1, p. 146-171, jan. 2023.

MENESES, Cleber Souza; ENNES, Marcelo Alario. Chegadas e partidas da “Diáspora Trans”: processos migratórios e trânsitos de gênero entre mulheres Trans e travestis. **Periodicus**. p. 73-101. Jul, 2023.

PRYOR, Jonathan T. "Na sala de aula: experiências de estudantes Transgêneros em uma grande universidade pública." *Jornal de Desenvolvimento de Estudantes Universitários*. v. 56 n. 5, 015, pág. 440-455. **Projeto MUSE** , <https://doi.org/10.1353/csd.2015.0044>

SANTOS, D. L. L. dos; SANTOS, T. C. B.; DIAS, A. F. Entre encruzilhadas e trincheiras: uma análise da escrevivência Transmasculina a partir do poema “Trans-parto”. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 18, n. 49. 2022. DOI: 10.22481/praxisedu.v18i49.10896

SANTOS, Jociane Marthendal Oliveira; ESTEVAM, Rebeca Anselmo; MARTINS, Thiago de Melo. Pesquisa (AUTO)biográfica. **Ensaio Pedagógico**. Sorocaba, p. 45-53. jan./abr. 2018.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação** (Reação), São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16.

TODSX. Manual de implementação de ações afirmativas para pessoas Trans na pós-graduação. 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/95806916/Manual_De_A%C3%A7%C3%B5es_Afirmativas_para_Pessoas_Trans_na_P%C3%B3s_gradua%C3%A7%C3%A3o?hb-g-sw=105029369.

VIANA, Carolina Pinto et al. A vivência de estudantes Transgênero na universidade. **Acta Paulista de Enfermagem**, [S.L.], v. 35, p. 1-8, 2022. <http://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2022ao019666>.

VERGUEIRO, V. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. 244 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.